



O EDUCADOR CONTEMPORÂNEO: O ENSINAR COMO PRINCÍPIO SOCIAL

Carlos Mometti – carlosmometti@usp.br

Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-6699-7139>

Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio – hipias@usp.br

Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-4166-9942>

RESUMO: A Educação na contemporaneidade passa por transformações no que diz respeito a sua conceituação e atribuição de significados. Entender tais transformações e as novas demandas caracteriza-se como um dos papéis dos educadores e dos professores da atualidade, pois a partir deste movimento abrem-se novos caminhos para sua ressignificação e, por que não, reinvenção. Assim, cabe refletir sobre as certezas e incertezas que a nova humanidade digital, um dos aspectos mais significativos da referida mudança, aqui assumida como consequência da reontologização do sujeito contemporâneo, trará para a Educação, analisando tanto o seu contexto histórico como, também, o social. Neste sentido, o presente artigo possui por escopo compartilhar uma sistematização teórica acerca da origem do termo “educador” e dos seus desdobramentos para a Educação na contemporaneidade. Como percurso metodológico para construção da presente reflexão, recorre-se aos textos de *Isócrates* e da discussão platônica acerca da origem do termo educador e de sua função na sociedade grega, de modo a coadunar no que diz respeito aos aspectos da Educação contemporânea. Para além de uma conclusão, este texto propõe um quadro comparativo entre a atuação do educador no período pós homérico e a sua atuação hoje. Como sugestão para futuras reflexões, traz-se um esboço de pensamento que norteie os pressupostos teóricos da Educação e a necessidade de refletirmos sobre uma nova caracterização ontológica.

PALAVRAS-CHAVE: Educador; Professor; Platão; Educação; Pedagogia.

1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre a Educação, na contemporaneidade¹, caracteriza-se como um exercício de alta complexidade. Os sujeitos que a ela depositam maior atenção, neste processo reflexivo, além de serem seus praticantes naturais são o educador² e o professor. Dizer que tais sujeitos “praticam” Educação, em certa medida, levar-nos-ia a uma aproximação mediana das suas reais funções na sociedade contemporânea.

Todavia, a compreensão de que a prática educativa é exercida e mobilizada tanto por educadores quanto por professores, põe-nos o seguinte questionamento: são o educador e o professor sinônimos?

¹Neste texto assumimos como contemporaneidade a perspectiva de Giddens (1991) como o período consequente à modernidade. Assim, as transformações sociais ocorridas por meio do estabelecimento de uma nova ordem social a partir do final do século XIX no mundo ocidental caracterizaram-se pela introdução da *reflexividade* na agência humana. Deste modo, a contemporaneidade pode ser entendida como o período a partir do qual a reflexividade foi incorporada no corpo social.

²Ao longo deste texto os termos educador e professor serão utilizados no masculino por uma questão de economia de espaço. Contudo, lê-se também educadora e professora.

Ademais, num primeiro momento, se nos fixarmos acerca desse processo reflexivo, perceberemos que o mesmo se apresenta categorizado em três dimensões, as quais são *ética, estética e epistemológica*.

A primeira configura-se a partir de elementos intrínsecos aos grupos sociais, especificamente no que tange ao conjunto de códigos de conduta e determinações socioculturais. Neste ponto, partindo da perspectiva educacional, podemos lembrar que a ética é construída *coletivamente*, enquanto a moral parte do *eu* para o mundo, ou seja, há nesta última a especificação do *self ontologizado*³.

A segunda dimensão, por sua vez, manifesta-se na apresentação da concepção de educação tal como cada grupo social definido a percebe, bem como seus efeitos no mundo do qual pertence. Neste sentido, enquadra-se não apenas o significado da palavra *educação* como, também, sua operacionalização no campo dos *sentidos e significados* atribuídos pelos integrantes da sociedade.

De modo complementar, as representações e os quadros construídos por estes integrantes definem uma estética própria que, em transformação última e de acordo com Benedict (2013), caracterizar-se-á como os padrões necessários para a própria existência daquele grupo em específico⁴.

Finalmente, a terceira dimensão diz respeito à origem deste conhecimento – se assim o caracterizarmos – uma vez que o “falar” em Educação na contemporaneidade está associado ao sentido de *campo*, área do saber ou, até mesmo, área de desenvolvimento de pesquisa.

Cabe ressaltar, neste ponto, que todo processo reflexivo se nutre de conhecimentos oriundos tanto da experiência quanto da memória, sendo esta aqui entendida como parte integrante do processo cognitivo humano.

Assim, as três dimensões supracitadas contemplam aquilo que definimos por educação contemporânea, uma vez que na perspectiva de Giddens (2013) aquela é entendida como uma instituição social e, por conseguinte, formada por um conjunto de subinstituições reguladas por regras e recursos. Para exemplificar, citamos o conjunto de conteúdos utilizados no ensino, as diversas culturas que se

³Tomamos a liberdade de inserir este conceito uma vez que se faz necessário diferenciar o "eu" entendido como instituição propriamente, conforme nos aponta Giddens (2013), e o "eu" determinado pelo próprio sujeito, ou seja, individual. Neste sentido, o uso do neologismo *ontologizado* refere-se a uma autodeterminação de si a partir da cultura na qual se insere. Deste modo, assumindo a perspectiva lançada por Durkheim (2013), em que o indivíduo inexistente quando visto isolado de uma cultura e grupo social, atribuir a um sujeito um processo de ontologização seria o mesmo que assumir a existência de uma modelagem daquele, como podemos encontrar na definição primeira da educação grega, por exemplo (Marrou, 1964, 1973; Jaeger, 2018).

⁴Neste ponto podemos citar os padrões que são vistos em uma sociedade como os "corretos", aqueles nos quais todos devem incorporar e seguir. Quando levamos isso para o campo educacional, corremos o risco de estabelecer um movimento que deflagre em uma crise do "self" dando origem a grupos conservadores que tolem a chamada “liberdade” do sujeito. Movimentos de propagação de falsidades e mentiras engajados pela corrente midiática neoliberal ocorridos no Brasil a partir de 2016 e que contribuíram para o impeachment da Presidenta eleita Dilma Roussef, exemplificam como esses padrões morais operam num grupo social. Além desse fato, podemos enunciar, também, o movimento ultraconservador que culminou no resgate a propagandas neonazistas no Brasil em 2018, resultando na eleição do ex-Presidente da República Jair M. Bolsonaro.

entrelaçam dentro de uma sala de aula e, os aspectos morais que adentram na formação do pensamento crítico.

Outrossim, as regras que norteiam o funcionamento de qualquer estrutura, ainda segundo Giddens (2013), dependem da *agência* humana dentro da mesma e dos contratos estabelecidos pelos seus sujeitos constituintes. Então, faz-nos sentido pensar que a educação, para além de uma modelagem dos sujeitos que formam um determinado grupo social, depende da agência humana propriamente dita, o que define, portanto, o saber necessário para o repasse das tradições culturais como estruturantes sociais.

Sob a égide do contexto educacional tomamos por escopo, neste ensaio, apresentar uma discussão acerca da origem do termo *educador* e de sua posição relativa ao termo professor, bem como de seus desdobramentos para a formação humana na contemporaneidade. Para isso, utilizar-nos-emos de elementos advindos da concepção grega de Educação em seu debate acerca da formação do sujeito existente nos pensamentos de Platão e Isócrates durante o período de V a IV antes da era comum.

Como pressuposto, partimos da ideia de que as convicções originárias gregas, existentes no pensamento dos primeiros “educadores” e/ou “professores”, dão-nos aspectos que contribuem positivamente para a promoção de uma reflexão sistemática sobre a *formação* humana, bem como do que se entende por *educar*⁵ na contemporaneidade.

2 O EDUCADOR E A CONCEPÇÃO GREGA DE EDUCAR

A palavra “educação”, segundo Abbagnano (2018, p. 357), refere-se à transmissão e ao aprendizado das técnicas culturais, as quais são direcionadas para o uso, para a produção, para o comportamento e, mediante as quais uma sociedade é capaz de satisfazer suas necessidades, proteger-se contra as hostilidades do ambiente físico e biológico, além de trabalhar coletivamente.

Nesta perspectiva, assumimos conhecimentos oriundos de uma geração anterior e, depois de ressignificá-los, no sentido da própria evolução do pensamento, nós os transmitimos para uma geração posterior. Isso significa que dentro de um grupo social os mais “velhos” transmitem - informam, esquematizam - os conhecimentos, oriundos do saber experiencial e cotidiano, para os mais “novos”⁶.

⁵Assumimos neste trabalho uma visão diversificada, da palavra *educador*. Para tanto, não entendemos que formador seja sinônimo de educador, pois a palavra formador, entendida como adjetivo, refere-se àquele que cria, que dá forma a algo, projeta a partir de uma ideia. Assim, nesta perspectiva assume-se o sujeito educando como algo a ser construído, vazio, isento de cultura e tradição. Já o adjetivo *educador* diz respeito àquele que educa, que guia o sujeito educando por um caminho julgado como o mais adequado. Aqui assumimos a terminologia latina da palavra educação como *educere*, que significa guiar, levar por um caminho, diferente de *educare*, que significa tirar de dentro, fazer nascer. Cabe destacar que na nova concepção de educação, basicamente assumida no Brasil com o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova de 1932, o projeto de educação pública aproximou-se do termo *educere*.

⁶Para Jaeger (2018) a Educação consiste na modelagem dos indivíduos pela norma da comunidade. Tal afirmação evidenciamos que a dimensão ética consiste no que decorre dos princípios culturais transmitidos de geração para geração estabelecendo, assim, o caráter de *educar* para a sociedade. Por outro lado, o mesmo autor define por cultura a totalidade das manifestações e

Assim, tal transmissão qualifica-se na literatura por “ensinar” e “aprender”, ou de mais modo mais recorrente, como ensino-aprendizagem. De fato, este processo permitiu à civilização humana desenvolver-se e estabelecer-se como soberana perante outras espécies, o que, de certo modo, acarretou o desenvolvimento cada vez mais sofisticado da linguagem.

Por conseguinte, a transmissão de *técnicas culturais* citada por Abbagnano (2018) leva-nos a crer que a cultura de um povo é a única responsável pelo surgimento de laços formativos, uma vez que ela necessita ser transmitida para as demais gerações de modo a manter vivo - no sentido de sobrevivência - determinado grupo social.

Além disso, se é por meio da linguagem que a Educação se propaga, e mantém viva a cultura de um povo, não é apenas ao transmitir técnicas e saberes experienciais que sua manifestação é percebida. Aliado a isso, nota-se a necessidade do aperfeiçoamento e adequação de “aspectos intrínsecos” que, no interior de um grupo social, possam ser identificados como “não propícios” ou “não adequados”. Neste ponto invocam-se duas dimensões ulteriores à noção primitiva de Educação: a *ética* e a *filosófica*.

A primeira estabelece os parâmetros regimentais para o desenvolvimento do grupo social em questão, tal como citado anteriormente. Pois, na medida em que ocorreu a transmissão de saberes entre as gerações, aspectos como modo de viver, o que é certo ou errado coletivamente, o que deve ou não ser ensinado passa a ocupar um espaço relevante para a definição daquele.

Já a segunda, por sua vez, diz respeito à própria natureza humana, que é a de questionar a si e a seu mundo, seu ambiente, e buscar entendimento de modo a cotejar com técnicas e formas diversas de viver. Assim, a própria busca pelo conhecimento parte da necessidade de entender o espaço no qual se vive e de adaptá-lo para sua sobrevivência.

O ato de “conhecer” torna-se, então, uma ação efetiva de transformação da realidade e criação da linguagem, tornando possível aquilo que assumimos por cultura. Importante salientar, ademais, que conforme já mencionado a noção de cultura que recorreremos é aquela em que os valores e tradições são tacitamente repassados e operam num sentido ético do agrupamento social. Por tal razão dizemos que conhecer é uma ação efetiva da transformação da realidade, pois bem: primeiro se conhece para, posteriormente, transformar.

Dessa maneira, guardadas as devidas proporções, isso significa que a filosofia como “busca da verdade” e entendimento da natureza é anterior à necessidade coletiva de transmissão de saberes técnicos e vivenciais, ou seja, da própria *cultura*.

Outrossim, retornamos ao primeiro argumento do escopo deste ensaio: o sujeito que atua com/para a educação possui, como alguns de seus objetivos primitivos, o papel de transmitir e

formas de vida que caracterizam um povo, também como também cita Benedict (2013). Nesse sentido, tais manifestações dão-se por meio de técnicas para o cultivo de alimentos, danças e músicas de caráter religiosos, histórias e lendas etc.

desenvolver aquilo que já se estabelecera como conhecimento vivencial e experienciado⁷. Somado a isso, tem-se a missão de trabalhar o conhecimento que já fora transmitido, adaptando-o, reorganizando-o e transformando-o, a fim de propiciar ao sujeito aprendente o desenvolvimento almejado.

Deste modo, não há outro meio de pensarmos a origem da ideia de educação, no Ocidente, se não nos voltarmos à civilização da antiga Grécia, uma vez que o mundo dos gregos estabeleceu pela primeira vez e, de modo sistemático, um ideal de cultura como princípio formativo⁸ (Jaeger, 2018, p.6).

Nesse sentido, a organização social grega segundo Marrou (1964; 1973) apresentava-se no âmbito educacional de diferentes formas, a depender do período no qual estamos interessados em analisar. Por conseguinte, não recorreremos à historiografia antiga como vetor dos argumentos deste ensaio. Contudo, utilizar-nos-emos das ideias trazidas por Isócrates⁹ para destacar alguns pontos acerca da função daquele que seria o “educador” e o “professor” do sentido que atribuíra à sua filosofia.

Ademais, segundo Marrou (1964; 1973) e Jaeger (2018) os princípios da formação grega estavam regidos de acordo com a estratificação social. A educação era direito do homem livre, ou seja, do não escravo. Desta forma, a noção de escravidão grega refere-se a uma inferioridade não de raça, como sugere aquela exercida pela modernidade a partir do século XV, mas no sentido de *virtude*, isto é, escravo é aquele isento de virtudes (*Areté*). Podemos encontrar uma passagem em que Xenofonte, um dos alunos de Sócrates, descreve essa relação em um dos “Memoráveis” acerca do período em que aquele fora julgado:

Quanto a ele [Sócrates, grifo nosso] discutia constantemente tudo o que ao homem diz respeito, examinando o que é o piedoso e o ímpio, o belo e o vergonhoso, o justo e o injusto, a sabedoria e a loucura, o valor e a pusilanimidade, o Estado e o homem de Estado, o governo e o governante e mais coisas deste jaez, cujo conhecimento lhe parece essencial para ser virtuoso e sem o qual se merece o nome de escravo (Xenofonte, 1980, p. 35).

⁷Neste aspecto entendemos como conhecimento vivencial e experienciado todo aquele que se refere ao cultural, ou seja, ao conjunto de conhecimentos estabelecidos socialmente e transmitidos de modo geracional. Como se trata de uma discussão acerca da origem – o que culminará na invocação da antiga sociedade grega como ponto de partida – as noções de técnicas experimentais para sistematização do conhecimento – as ditas teorias científicas sistematizadas - ainda não existiam. Assim, até o século XVII depois da era comum com a ideia cartesiana do método e dos estudos de Galileu, o conhecimento era entendido como tudo aquilo que caracteriza a construção e produção dos modos de sobrevivência de um povo, apesar de que a filosofia aristotélica-tomista tomava alguns dos pressupostos lançados pela produção de Aristóteles e Platão. Deste modo, a partir do século VII depois da era comum, o paradigma científico metamorfoseara-se num conjunto de práticas padronizadas e passíveis de reprodutibilidade. De acordo com Kuhn (1999), todo saber científico passa por fases – paradigmas - e estes estão sujeitos à aprovação mediante reprodutibilidade de uma comunidade específica destinada para um determinado assunto/objeto.

⁸ Destaca-se, anteriormente a esta ideia de ideal formativo do homem grego, a noção de *Areté*, ou seja, de formação por meio das virtudes consideradas dignas da sociedade grega. A base para este princípio é a da Educação Homérica, assumindo a introdução da literatura homérica como operador de transmissão de histórias e, portanto, mitos e cultura definindo padrões éticos, estéticos e - por que não? - epistemológicos [grifo nosso].

⁹Isócrates nasceu em Atenas no século V antes da era comum. Foi aluno dos sofistas Górgias e Pródico assim como foi, também, contemporâneo de Platão e dos socráticos.

Para tanto, como também trata Borgeaud *et al.* (1993) e Jaeger (2018), de modo geral o homem grego tinha sua formação voltada para as artes, a política ou a guerra. Além disso, para aqueles que possuíam tal direito, o chamado *cidadão*, religioso, militar, econômico, doméstico, ouvinte e espectador, o homem grego desde a infância até a idade adulta segue um percurso obrigatório de provas e etapas para se tornar homem no sentido pleno do termo, como previa o ideal grego de realização e formação (Borgeaud *et al.*, 1993, p. 7).

Não obstante, para os gregos antigos o ocupante do centro de seu pensamento é o *homem*, enquanto espécie capaz de desenvolver *areté*. Assim, podemos dizer que o pensamento grego, em sua essência, inaugura o chamado *humanismo*¹⁰. Faz-se importante salientar que a cultura grega, muito cultuada por Alexandre da Macedônia, a centralidade do homem (antropocentrismo) está unida a um aspecto biológico como também estético. Com isso queremos dizer que a busca pelo *belo* partia também das formas do corpo humano, por tal razão encontramos no termo “clássico” ao nos referirmos cultura clássica, a *secularização* de uma ideia de perfeição.

A preocupação com a coletividade – detentora da chamada *cidadania* - a convivência em sociedade e o desenvolvimento das *virtudes* foram aspectos essenciais no que se refere à educação grega¹¹. Tal fato evidencia-se pelo estabelecimento e reprodução do que seria uma boa educação trazida pelo ideal homérico, isto é, pela busca do herói virtuoso e que servia como modelo para a formação, principalmente, na cidade-Estado de Esparta¹².

De modo geral, podemos citar que os dois fundamentos para o estabelecimento do princípio educacional grego na sociedade foram a *ética* e a *política*.

Isso significa que um jovem livre, na Antiga Grécia, tinha por obrigação ser treinado para desempenhar suas funções políticas na pólis¹³, ou seja, aqueles que não eram direcionados socialmente para a produção, eram-no para a vida política.

¹⁰Tal concepção retorna no século XV com o renascimento dos ideais humanistas e, também, naturalistas. Um dos desdobramentos de tal evento foi o empoderamento da nova classe burguesa tanto politicamente como culturalmente.

¹¹Educação (*εκπαίδευση*), na perspectiva grega, significa Paideia (*παιδεία*) e está associada com a cultura, no sentido de valores e tradições, bem como técnicas transmitidas de modo geracional. Contudo, cabe ressaltar que tal concepção se derivou do conceito de *areté* grega. Num primeiro momento, pois, a educação tinha por objetivo formar sujeitos atuantes tanto na palavra (oradores) quanto na força (militar). Deste modo, aquele detentor de “boas virtudes”, ou seja, a *areté*, contemplava o quadro educativo daquele primeiro período considerado como educação homérica. Assim, a *areté* se relaciona intrinsecamente à ideia de honra e esta, por sua vez, limitava a moral vigente.

¹²Como nos mostra Borgeaud *et al.* (1993) o que diferenciava as cidades-Estados de Atenas e Esparta não era apenas o caráter puramente militarizado empregado pela última no que diz respeito à constituição social, mas também na consideração do ideal *homérico* como princípio de formação. Já Atenas, voltada para os aspectos políticos e artísticos, desenvolveu-se em torno do que definiam por *kalokagathia* (*καλοκαγαθία*), palavra grega que significa “belo e bom”. Os atenienses definiam em sua formação a compreensão de que o belo e o bom são as maiores virtudes humanas. Por tal motivo os quatrocentistas europeus, principalmente florentinos, consideraram seu resgate naquilo que caracteriza o período renascentista.

¹³Entendemos neste ensaio por pólis (*πόλις*) toda cidade grega caracterizada como Estado. Isso significa que cada cidade possuía sua autonomia e um governo próprio, independente de outras cidades.

É neste cenário, contudo, que aparecem os chamados *sofistas*, os quais de acordo com Costa (2010) tinham por objetivo transmitir os ensinamentos da retórica para os mais jovens, dando-lhes a formação para a vida política na cidade. Cabe destacar que a arte da oratória era fundamental no período grego citado, principalmente, na cidade-Estado de Atenas.

Assim, com os primeiros sofistas, juntamente com os socráticos representado pela figura de Platão, tivemos a implantação de uma forma de *método de ensino*, ou seja, mesmo os sofistas não estabelecendo uma *escola* de pensamento conforme aponta Costa (2010), havia a utilização de técnicas para a transmissão do conhecimento retórico.

Segundo Abbagnano (2018, p.1086) os sofistas estabeleceram uma corrente filosófica baseada na retórica e cultura geral, exercendo influências sobre a sociedade grega. A *sofística* não é uma escola filosófica, como já mencionado, mas uma orientação genérica baseada nos princípios de: (i) o interesse concentra-se no homem e em seus problemas, (ii) o conhecimento reduz-se à opinião e o bem à utilidade e, (iii) a oposição entre natureza e lei, onde na natureza prevalece o direito do mais forte.

Antes de nos direcionarmos para os pontos essenciais trazidos por Isócrates, cabe ressaltar que no período grego entre os séculos V e IV antes da era comum, havia certa disputa entre os sofistas e os autodefinidos como filósofos no que diz respeito à *verdadeira filosofia* e à *função do educador*.

Ademais, o filósofo nas palavras de Platão tratando do pós julgamento de Sócrates, em Atenas, era o modo como este dirigia seus ensinamentos ao público principalmente jovem, uma vez que

[...] discutia constantemente tudo o que ao homem diz respeito, examinando o que é piedoso e o ímpio, o belo e o vergonhoso, o justo e o injusto, a sabedoria e a loucura, o valor e a pusilanimidade, o Estado e o homem de Estado, o governo e o governante e mais coisas deste jaez, cujo conhecimento lhe parecia essencial para ser virtuoso e sem o qual se merece o nome de escravo (Platão, 1973, p.35).

Os sofistas defendiam a ideia de que não haveria a necessidade de transmitir conhecimentos *sui generis* acerca de um determinado objeto, mas sim ensinar aos indivíduos as técnicas necessárias para o *convencimento* por meio da *rhêtorikê* (ῥητορικὴ τέχνη), termo grego para designar a arte de falar bem, haja vista que no período citado o poder de decisão emanava do discurso proferido nas assembleias dos cidadãos livres e com direito ao voto.

De acordo com Costa (2010),

[...] a retórica, que participava juntamente com a filosofia da construção do conhecimento grego tem seu campo de atuação ampliado através do reconhecimento de seu estatuto de *techné*, segundo o qual lhe é conferido o poder de exercer influência sobre a audiência em toda espécie de reuniões e sobre todos os tipos de assuntos (Costa, 2010, p. 11).

Já os segundos, filósofos como eles próprios se definiam, acreditavam na concepção de que não se devem ensinar apenas técnicas de oratória, mas sim os conceitos inerentes à *verdadeira* filosofia. O primeiro a utilizar o termo filosofia de modo escrito foi Platão, em seus diálogos, assim como o termo *rhêtorikê* no diálogo entre Polo, Cálides e Górgias.

Para este, *filósofo* é aquele que busca o princípio de tudo, considerando os aspectos iniciais do pensamento, isto é, o *não sábio*. Aqui, vemos uma primeira aproximação para a origem do termo educador referindo-se a uma função que, na contemporaneidade, é entendida como de professor.

A propósito deste último, seu termo se origina do radical latim *profer*, o qual significa “tirar fora” “portar à mostra”, “expor”. Da mesma forma, a palavra *profeta* surge do mesmo radical, porém unindo aos significados já mencionados a ideia de *verdade*, portanto o profeta é aquele que “traz à luz a verdade”. Podemos notar que a evolução etimológica da palavra professor está associada à exposição de..., isto é, expor algo físico e/ou não físico a alguém.

Por outro lado, Cambi (1999, p.49) destaca que educador é uma “[...] figura espiritualizada e dramaticamente ativa na vida do indivíduo, reconhecendo-lhes qualidades e objetivos que vão além daqueles que são típicos do mestre-docente. Aspecto que depois será próprio também dos pedagogos”.

Em seu manifesto intitulado *Contra os Sofistas*, escrito em 390 antes da era comum, Isócrates aborda aspectos relacionados àquilo que acredita ser a verdadeira Paidéia, isto é, descreve como acredita ser a verdadeira arte de ensinar.

Naquele período, Isócrates exercia a carreira de professor e, diferentemente de Platão, não contava com fama substancial. No entanto, possuía grande influência no que diz respeito à formação dos cidadãos gregos. De certo modo, podemos destacar Isócrates e Platão como os iniciantes na escrita de manuais acerca de como se ensina, e da função de formar para a cidadania.

Ainda sobre o manifesto supracitado, Isócrates traz:

Se todos os que se ocupam da educação (Paidéia) quisessem realmente dizer a verdade, e não fizessem promessas maiores do que as que poderiam cumprir, não seriam difamados pelos cidadãos. Mas, os que muito irrefletidamente ousam gabar-se, têm feito com que se acredite encontrar as decisões mais sábias junto aos que nada fazem do que entre os que se ocupam da filosofia (philosophía) (Isócrates *apud* Pagotto-Euzebio, 2001).

No trecho citado Isócrates coloca sua *crença* de que existem diferentes modos com que a Educação vem sendo trabalhada no seu momento histórico e que, destes, apenas um é o *ideal*. Tal fato pode ser identificado, no excerto citado com o uso das palavras “[...] quisesse realmente dizer a verdade e não fazer promessas”.

Além disso, no fragmento selecionado há uma forte crítica aos sofistas – que ganhavam espaço por meio do ensino da retórica e dialética¹⁴ – uma vez que enganavam seus discípulos, ensinando não o correto modo de pensar, mas apenas o de convencer seu interlocutor.

O uso da palavra *Paidéia* por Isócrates evidencia o estabelecimento de um sistema social voltado para a promoção da formação. Isso, de certa forma, destaca o papel que atribuímos ao professor no sentido anteriormente enunciado.

Todavia, a preocupação de Isócrates, também é a de defender a retórica como forma de filosofia, diferente daquela seguida pelos socráticos, única e verdadeira para se ensinar, conforme exposto no trecho:

Fico espantado quando vejo serem considerados dignos de terem discípulos pessoas que, sem que percebam, dão como exemplo de uma arte criativa procedimentos fixos. Pois quem, excetuando-os, ignora que as letras são fixas e possuem um mesmo valor, de modo que continuamos a empregar sempre as mesmas letras para o mesmo objeto, enquanto o que ocorre com as palavras é justamente o contrário? Aquilo que um homem disse não tem a mesma utilidade para alguém que fale depois dele e, o mais hábil nesta arte parece ser aquele que se exprime de modo apropriado aos assuntos, usando expressões diferentes das usadas pelos outros. Eis a melhor prova da diferença entre essas duas coisas: os discursos não podem ser belos se não estão de acordo com as circunstâncias (*kairós*), adequados ao assunto e cheios de novidade, mas as letras não têm necessidade de nada disso (Isócrates *apud* Pagotto-Euzebio, 2001).

Assim, nota-se que além da proposição de uma metodologia para se ensinar, Isócrates é capaz de apontar aquela que julga não ser adequada para o trabalho de formar. Deste modo, retornando ao escopo deste ensaio, temos como segundo argumento que a formação humana, no sentido sofista, possui como pressuposto a execução de um conjunto de procedimentos orientados para uma finalidade em si mesma.

Tal conjunto de práticas reverbera na manifestação de valores e na implementação de sistemas culturais que conferem um caráter formativo ao sujeito. Isso prevaleceu na civilização ocidental e reflete o que assumimos na contemporaneidade como *projeto de formação*. O uso destes termos traz não apenas um conjunto de conteúdos por meio dos quais devemos trabalhar um currículo, mas também o “formato” de sociedade que queremos, com princípios éticos, estéticos e políticos bem definidos.

Por outro lado, conforme nos aponta Costa (2010) a Educação foi entendida por Isócrates como filosofia, conforme destaque de outro texto, intitulado *A Demônico, a educação do príncipe*. Este, escrito na forma de diálogo, convidando Demônico à formação, salienta “vejo que a sorte nos acompanha e o momento nos dá ensejo: ora, tu almejas educação e eu tenciono educar, para ti chegou a hora de estudar filosofia e eu ensino a estudantes como filosofar” (Isócrates *apud* Pagotto-Euzebio, 2001).

¹⁴ Termo originado do grego *διαλεκτική* (*dialectica*, em latim) que significa método de troca de ideias onde o objetivo é a contraposição a fim de gerar novas ideias. A dialética é muito presente nos estudos humanísticos, e caracteriza-se, principalmente, pela possibilidade de abrir caminhos para novos pensamentos em detrimento de uma escolha única e limitada.

Na citação, Isócrates expõe uma propaganda acerca do ato de educar e demonstra seu papel de educador. Isso nos mostra que os termos “educador” e “professor” não eram sinônimos na sociedade grega. Desse modo, podemos dizer que o papel do filósofo está para o de educador, do mesmo modo que o papel do sofista está para o de professor, em termos de metodologia.

Sobre a concepção educacional lançada por Isócrates, este acreditava na existência de uma alma em consonância com o corpo. Assim, a natureza humana seria composta por estes dois elementos, considerando que a alma governaria todos os fatores privados intrínsecos ao sujeito, enquanto o corpo coloca em execução as decisões assumidas por aquela¹⁵.

Além disso, atribui um fim de especialidade para o conjunto de saberes adquiridos, conforme destaca na obra *Antídose*:

Digo-lhes que quem pretende ser proeminente seja nos discursos, nas ações, ou nas demais atividades deve, antes de tudo, ser bem-dotado por natureza para realizar aquilo para o qual foram designados; em seguida, ser educado e adquirir o conhecimento de cada assunto; por fim, dedicar-se e exercitar o uso e a experiência prática daquilo que foi aprendido. Sob essas condições, alcança-se a perfeição em todas as atividades, destacando-se em muitos dos demais (Isócrates *apud* Lacerda, 2016, p.184).

No caso da sociedade que Isócrates alude, evidenciada pelos trechos supramencionados, nota-se uma preocupação com a *essência* do educador. Pois, além dos métodos e práticas necessários para o desenvolvimento do ensinamento, inerente ao papel do professor, o educador necessita *saber de si*, ou seja, apropriando-se do pensamento socrático de que a *temperança* e o *conhecer-se* é o princípio para o estabelecimento de uma filosofia verdadeira.

Neste ponto ficam evidentes os elementos que contribuem para a construção da moral grega, partindo de um projeto educacional. Assim, vemos um elo forte entre aquilo que os educadores desenvolvem atualmente e aquilo que os gregos entendiam por educar. Pois, uma das concepções que predomina na contemporaneidade é a de que “educamos para a formação integral do sujeito”, considerando seus aspectos éticos, estéticos e psicológicos (socioemocionais).

Outra visão que prevalece, oriunda da ideologia neoliberal, é a de que “educamos para o trabalho e para o desenvolvimento do país”, deixando claro o elemento capitalista e o tipo de sociedade que se quer, ou seja, uma “sociedade de consumo”, despreocupada com suas próprias ações e despreendida de seu papel na natureza (Beck, 2011).

¹⁵ A palavra *alma* origina-se do termo grego *psykhé* (ψυχή) e significa “ser”, diferente da concepção ontológica. No período antigo, as dores e os sofrimentos, tanto físicos quanto psicológicos e emocionais, eram todos atribuídos como dores da “alma”, às quais passavam a ser categorizadas como *páthos* (do grego πάθος). Desse termo origina-se a palavra patologia, isto é, sistematização (estudo) das dores, dos sofrimentos que acometem os humanos. A relação entre o páthos e as questões ontológicas permeará o pensamento filosófico até René Descartes, no século XVII depois da era comum.

Ainda sobre o pensamento socrático, podemos dizer que sua "pedagogia", conhecida na filosofia como método *maieûtico*, não demonstrava um caráter democrático, uma vez que Sócrates não acreditava na igualdade de formação para todos. A universalização da educação - entendida na Paidéia grega - não era um princípio social estabelecido naquele período.

Tal fato justifica-se, ademais, por ser uma sociedade dividida entre os escravos (desprovidos de areté) e o não escravos (considerados cidadãos). Assim, quando se pensa na ideia de universalização da educação tal como pensamos contemporaneamente, a partir dos preceitos freirianos de ensino-aprendizagem por exemplo, o mesmo não valia para a sociedade em questão. Portanto, o “ensinar” no período antigo, principalmente em Atenas do período socrático, operava como um princípio social estruturante.

Além disso, como detentor da herança socrática, Platão traz, como Isócrates, a noção de *enkrateia*¹⁶ (do grego ἐγκράτεια), que significa autodomínio, ter o controle e o poder sobre si mesmo. Este é um segundo princípio estruturante da educação grega que, de modo aproximado, podemos entender, na contemporaneidade, por autonomia do sujeito. Isso fica claro no pensamento socrático, evidenciado por Platão, acerca daquele que domina seus instintos, e é livre - no sentido de liberdade grega - daquele que não o domina e é *escravo de si mesmo*.

Cabe destacar, ademais, que o autocontrole – *temperança* no pensamento socrático – é o que relaciona o sujeito com sua liberdade. Isso significa uma aproximação entre aquilo que “quero e posso” daquilo que “quero, mas não o faço”, ou seja, entre os conceitos de liberdade e desejo.

Assim, no contexto em pauta, é livre aquele que domina seus impulsos e, portanto, aproxima-se de uma *divindade*. Por tal razão vimos desenvolver no período medieval, no Ocidente, a condenação das paixões como pecado, pois as mesmas relacionam-se com o desejo e, portanto, com a liberdade sobre si mesmo.

Outrossim, percebemos que o termo educador associado ao ato de ensinar leva-nos ao ideal de formação integral do sujeito e, quando pensado em sua materialidade única, isto é, apenas no ato em si de passar um conhecimento por meio de uma ou mais técnicas, ressignifica-se no termo professor.

¹⁶Como exemplo da importância deste princípio, destaca-se o trecho do diálogo entre o socrático Xenofonte e o sofista Antifonte, “não sabes que aqueles que, por natureza, são mais fracos de corpo, se o exercitarem se tornam mais fortes e, se tiverem cuidado, se tornam melhores naquilo que exercitarem e o suportam com mais facilidade? E não te parece também que eu, se exercitar com paciência o meu corpo, posso fazer tudo com mais facilidade do que tu que não o exercitas?”. XENOFONTE. Memorabilia, 1, 6, 7. In: Xenophonis opera omnia, vol. 2. Tradução de Ana Elias Pinheiro, Coimbra. 2009. Oxford: Clarendon Press.

3 DO EDUCADOR GREGO AO EDUCADOR CONTEMPORÂNEO

Pelo que até aqui foi exposto, percebemos que a Educação é constituída por um conjunto de valores éticos, estéticos e políticos que determinam sua operacionalização na sociedade ocidental desde a Antiga Grécia.

Assim, podemos dizer, de modo a respondermos à questão levantada inicialmente neste ensaio, que o papel do educador é o de estruturar, cultural e politicamente, um contexto social específico. Enquanto o papel do professor é de transmitir um conjunto de valores e tradições, epistêmica e socialmente estabelecidas num grupo social, de modo geracional.

Dessa forma, e diante dos pensamentos de Isócrates e Platão sobre a função de formar, bem como de seus princípios acerca do que entendem por filosofia, podemos dizer que ambos os termos, educador e professor, não são sinônimos. Nesse sentido, a argumentação ensaiada neste trabalho versa para a compreensão do modo como a Educação é conduzida na contemporaneidade, uma vez que é entendida como direito e, portanto, inalienável.

Ademais, faz-se relevante destacar que o educador e o professor contemporâneos se nutrem de princípios e valores, comuns a ambos, para desenvolver seu trabalho em sala de aula¹⁷. Tais princípios são construídos ao longo da sua vida como estudante e, posteriormente, como atuante da sua prática.

Todavia, quais seriam esses princípios? Inicialmente, a busca pela compreensão do mundo e sua decodificação para os sujeitos educandos. Aqui, destacamos a necessidade inicial do professor compreender os padrões e comportamentos, tanto naturais quanto psicológicos da natureza humana para, posteriormente, colocá-los em símbolos que possam ser compreendidos pelos seus alunos. Assim, esse princípio caracteriza-se pela *culturação do mundo material e imaterial*.

Um segundo princípio relaciona-se com a ontologia, tanto do educador/professor quanto de seus alunos. Dessa maneira, a compreensão de si e do mundo leva os sujeitos a constituírem na perspectiva de Giddens (2013) a chamada estrutura social.

Para tanto, faz-se necessário o reconhecimento do “eu” enquanto ser existente e exposto a tensões éticas e morais promovidas por tradições de um grupo social específico. A partir desse reconhecimento do “eu” individual, temos o espelhamento do outro, momento este caracterizado na formação do sujeito pela manifestação da alteridade. O espelhamento no/para o outro constitui a ligação sociocultural de um determinado grupo. Tal princípio fica determinado pela *ontologia coletiva*.

¹⁷Partimos da perspectiva de que a sala de aula é o espelho fidedigno da realidade circundante. Isso significa dizer que os aspectos sociais produzidos e transformados *extra muris* reverberarão num grupo social estabelecido. Assim, quando estudamos a práxis docente conseguimos captar, em certa medida, elementos que nos informam a construção social e suas transformações num período considerado.

Finalmente, o terceiro princípio coloca a cultura propriamente como um operador essencial na materialização do repasse, reprodução, significação e ressignificação daquilo que entendemos por conhecimento. Nesse sentido, é por meio da cultura que qualquer forma de conhecimento – em todas as suas vertentes – passa de um sujeito para outro.

Outrossim, podemos aproximar aquilo que os gregos definiram por *Paidéia* como modelo de formação na Antiguidade, por uma *Paidéia digital*, na contemporaneidade. Se na Antiguidade o debate estava entre os sofistas e filósofos acerca de quem *é o verdadeiro educador/professor* e qual é a concepção correta de educação/filosofia, atualmente o debate está na díade *formação/informação*. Isso quer dizer que nós, educadores/professores da era digital, precisamos refletir acerca da questão emergente: qual é a formação que promovemos atualmente?

Assim sendo, em defesa da ideia de *Paidéia digital* podemos, ainda, pensar no papel que o educador/professor desempenhará nos próximos cem anos. Como discutido anteriormente, desde a sua origem a Educação ocidental opera com a noção de modelar o sujeito mediante um conjunto de regras estabelecidas pelo meio social (Jaeger, 2018).

Deste modo, a Educação contemporânea também passa por isso, considerando as limitações e modificações da linguagem e formas de ser e estar no mundo, uma vez que tal modelagem diz respeito única e exclusivamente ao universo digital.

Neste contexto, cabe-nos destacar que o produto da contemporaneidade é o de uma geração *ontologizada* virtualmente, ou seja, há o surgimento de uma humanidade virtualizada. Então, os sujeitos constituintes desta nova sociedade caracterizam-se por nativos digitais (Prensky, 2000) que operam num mundo fluido e que necessita de uma ressignificação contínua das perspectivas éticas, estéticas e morais. Aqui o segundo princípio supramencionado passa a operar de modo substancial.

A este ponto, outrossim, cabe o destaque para a busca de um “eu” baseado não em si mesmo, conforme destacaram alguns pensadores rotulados como pós-modernos, mas sim aquele idealizado pelo outro numa sociedade que vive e se articula virtualmente. Deste modo, “sou” aquilo que o outro constrói de mim, como se nossa ontologia fosse baseada num *avatar* que forja uma porção da realidade vivida. Esse avatar, como qualquer indivíduo numa sociedade, é construído por aspectos éticos, morais e estéticos, obviamente, definidos pelo mundo digital.

O que os gregos entendiam por formação integral envolvia os conhecimentos relativos às boas artes, tais como a música, a literatura etc. Todos estes conhecimentos reunidos caracterizavam o necessário e fundamental que todo jovem grego deveria aprender.

Já no período romano tais conhecimentos necessários para a formação integral de um sujeito caracterizou o que veio a ser chamado de *humanitas*, isto é, educação do homem que o eleva à mais pura

forma de ser, distinguindo-o dos animais. Milênios mais tarde, já na Idade Média, encontramos estes conhecimentos distribuídos em sete artes liberais, conhecidas como *Trivium* e *Quadrivium*¹⁸.

Atualmente, temos todos os conhecimentos derivados e construídos secularmente, e sua gestão está associada com um meio de *comércio* capitalizado. Isso significa que o conhecimento, antes virtude e bom (*kalokagathia*) passa a ser mercadoria, e é dotado de valor.

Por conseguinte, não nos basta dominar todas as disciplinas, ou componentes curriculares, mas precisamos geri-las de forma a contemplar um dado problema específico e ainda, quase que obrigatoriamente, direcioná-las para uma finalidade comercial. Por tal motivo podemos qualificar a atual sociedade como existindo em um novo mundo, puramente digital e baseado num princípio de formação, puramente informacional, de produção.

Finalmente, os gregos construíram sua *Paidéia* numa perspectiva humanista e nada utilitária. Nós, contemporâneos, temos por princípios educacionais o uso dos conhecimentos numa escala de produção cada vez maior, ou como afirma Machado (2015), o conhecimento é um *commons* com o qual precisamos aprender a lidar, nesta nova sociedade global e informatizada.

Portanto, o educador/professor contemporâneo, na mesma chave que Isócrates defendera na Antiguidade, deverá atentar-se às falsas ideias, hoje travestidas pelas *fakenews*, buscando na *Paidéia digital* um novo objetivo de ensino, uma vez que aquela atuará como estruturante nessa nova humanidade emergente, humanidade essa caracterizada como digital.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 88882.461730/2019-01.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

BECK, U. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Tradução de Sebastião Nascimento. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

BENEDICT, R. *Padrões de cultura*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

¹⁸A *Paidéia* grega, conforme descrito anteriormente, constituiu-se do pressuposto da virtude, Areté. Esta, por sua vez, considerava apenas aqueles ligados à aristocracia grega, os chamados “homens de bem”. Já na Idade Média, a formação humana possuía por objetivo a preparação do homem para os deveres religiosos, considerando como projeto de formação o *Trivium* (Gramática, Retórica e Dialética) e o *Quadrivium* (Aritmética, Geometria, Astronomia e Música).

BORGEAUD, F.; CAMBIANO, G.; CANFORA, L.; GARLAN, Y.; MOSSÉ, C.; MURRAY, O.; REDFIELD, J.; SEGEL, C.; VEGETTI, M.; VERNANT, J. P. *A origem do homem grego*. Jean Pierre Vernant (org.). Lisboa: Presença, 1993.

CAMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

COSTA, R. R. S. *O projeto filosófico de Isócrates, no discurso contra os sofistas*. 2010. 94f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

DURKHEIM, É. *Lições de sociologia*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

ISÓCRATES. *Discursos*. Tradução de J. M. Guzmán Hermida. Madrid: Editora Gredos, 1979.

JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

KUHN, T. S. *La struttura delle rivoluzioni scientifiche*. 1. ed. Turim: Biblioteca Einaudi, 1999.

LACERDA, T. C. E. de. *As reflexões metadiscursivas no discurso Antídose de Isócrates*. 2016. 280 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-02122016-141549/pt-br.php>. Acesso em: 20 nov. 2023.

MACHADO, N. J. O conhecimento como valor: as ideias de a-crescimento e de commons. *Revista Contabilidade & Finanças*, São Paulo, v. 26, n. 67, p. 7-10, jan./abr. 2015.

MARROU, H-I. *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*. Paris: Seuil, 1964.

MARROU, H-I. *História da educação na Antiguidade*. São Paulo: E.P.U e Edusp, 1973.

PAGOTTO-EUZEPIO, M. S. Isócrates – Contra os sofistas. Editora Mandruvá, Centro de *Estudos Medievais – Oriente & Ocidente*, 2001. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mirand12/euzeb.htm>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PLATÃO. *Górgias*. Tradução de Jaime Bruna. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

PLATÃO. *Sócrates*: coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Editora Abril, 1973.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants - Part 1. *On the Horizon*, 2001, v. 9, n. 5, p. 1-6.

XENOFONTE. *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates*. Tradução de Líbero Rangel de Andrade. In: *Sócrates*: coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Editora Abril, 1980.

Title

The contemporary teacher: teaching as a social principle.

Abstract

Education in contemporary times is transforming concerning its conceptualization and attribution of meanings. Understanding such transformations and new demands is characterized as one of the roles of today's educators and teachers, as this movement opens new paths for their resignification and, why not, reinvention. Therefore, it is worth reflecting on the certainties and uncertainties that the new digital humanity, one of the most significant aspects of the change mentioned above, here assumed as a consequence of the re-ontologization of the contemporary subject, will bring to Education, analyzing both its historical context and the social. In this sense, the scope of this article is to share a theoretical systematization about the origin of the term “educator” and its consequences for Education in contemporary times. As a methodological path for constructing this reflection, we use the texts of Isocrates and the Platonic discussion about the origin of the term educator and its function in Greek society to coordinate regarding aspects of contemporary Education. In addition to a conclusion, this text proposes a comparative table between the educator's performance in the post-Homeric period and their performance today. As a suggestion for future reflections, we bring an outline of thought that guides the theoretical assumptions of Education and the need to reflect on a new ontological characterization.

Keywords

Educator; Teacher; Plato; Education; Pedagogy.

Recebido em: 04/09/2023.

Aceito em: 21/11/2023.